

Baía de Vitória já foi seca



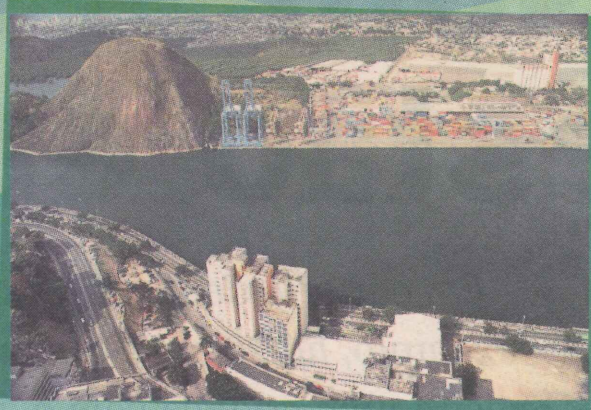
120 mil anos atrás

O mar estava oito metros acima do nível atual e o Penedo era um dos pontos da região que ficavam fora d'água. A mudança no nível dos oceanos é natural e ocorre nos períodos de aquecimento e esfriamento do planeta, mas cientistas alertam que o processo é acelerado pela ação humana.



43 mil anos atrás

O oceano estava 130 metros abaixo do nível atual. Não seriam necessárias pontes para ligar Vitória e Vila Velha. O Penedo era um morro seco. O planeta passava por uma era glacial e grande parte do Oceano Atlântico virou gelo nos pólos, deixando Vitória mais seca, fria e com vegetação rasteira.



Hoje

A baía de Vitória se formou há 3,6 mil anos, quando o aquecimento da Terra e o degelo polar fizeram a água superar em três metros o nível atual. Esse volume recuou e acabou criando áreas de inundação eventuais, como os mangues, hoje em grande parte ocupados por aterros.

Instituto Jones dos Santos Neves
Biblioteca

Fúria das águas em Vitória

A enchente do século

Talvez Vitória não precise esperar pela elevação do nível do mar para sofrer uma enchente sem precedentes. O foco do problema é a baía que a cerca, estreitada por aterros recentes e capaz de usar a cidade como ralo se uma série de fatores acontecessem ao mesmo tempo.

O problema começa no rio

Apesar de ser parte do mar, a baía de Vitória é estreita e capaz de reter água. Ela recebe a água de alguns rios, sendo o maior deles o rio Santa Maria da Vitória. Quando ocorre uma tempestade com grande volume de água no seu leito, o nível de água aumenta e tenta encontrar espaço na baía, sufocada por aterros.

TEXTO: ANDERSON CACILHAS
INFOGRÁFICO: ZOTA COELHO

Reconhecendo que Vitória corre o risco de sofrer uma grande inundação, as autoridades do município já preparam ações para conter a fúria das águas que podem atingir a cidade.

O assessor especial do prefeito de Vitória é coordenador das secretarias municipais de Obras e de Projetos Especiais, Silvio Ramos, explicou que o primeiro passo foi assumir que o problema existe.

Por isso, no momento acontecem seis intervenções em galerias e sistemas de drenagens na capital. Em alguns casos, novas galerias estão sendo construídas, como a de Caratoira.

Cinco outros projetos começam a ser executados este ano, incluindo o bombeamento e sistema de comportas na galeria da avenida Leitão da Silva, na parte norte da ilha.

Esta preocupação se justifica no risco do que os técnicos

chamam de sobreposição de fatores. Neste cenário, haveria uma coincidência de maré muito alta com chuva em Vitória e nos rios que deságuam em sua baía. As galerias seriam afogadas, a maré ganharia força e a cidade poderia ser inundada.

As intervenções que a prefeitura programa, entretanto, não seriam suficientes para barrar esta situação e, por isso, um Plano Diretor de Macrodrenagem será elaborado para definir futuras intervenções.

Mas a região da baía de Vitória ainda é assombrada por outro fantasma. O nível do mar pode subir até 80 centímetros nos próximos 50 a 80 anos no Brasil, resultado do derretimento do gelo dos pólos provocado pela aceleração do aquecimento global. O alerta foi dado pelo Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC).

Já foi criado o Fórum de Mudanças Climáticas em Vitória, que discutirá medidas a longo prazo para enfrentar o problema.

Ralos transbordando

Se o nível de água na baía aumentar, as galerias e manilhas de Vitória ficariam abaixo dele e não conseguiriam jogar fora a água de uma tempestade. Para piorar, por pressão, a água da maré entraria nas galerias e se somaria à água da chuva. Hoje, as saídas destas redes de drenagem já chegam a ficar com 20% de sua altura abaixo do nível da baía.



Grande São Pedro (parte baixa)

Maruípe

Ilha de Santa Maria

Bento Ferreira

Bairros mais atingidos

Santa Lúcia

Praia do Canto

Praia do Suá

Vitória

Uma conspiração da maré

A maré máxima de Vitória hoje é de 1,8 metro. Uma dessas ocorreu no último dia 19 de março. Mesmo sem chuva, ruas do bairro Ilha de Santa Maria e a avenida Beira-Mar foram invadidas pela água que voltou pelas galerias. Os fatores meteorológicos podem elevar em até 0,5 metro uma maré astronômica comum (atração da lua), tornando possível hoje uma maré de 2,3 metros.

Debaixo d'água

Se todos esses fatores acontecessem ao mesmo tempo, a água encontraria dentro da ilha de Vitória o seu escoa-douro. Áreas baixas do seu interior, protegidas por aterros mais altos à beira-mar, poderiam ficar debaixo d'água.



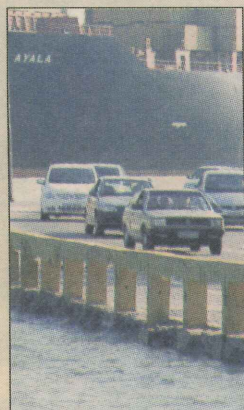
Sobraría para os vizinhos

Os vizinhos não assistiriam imunes à submersão de Vitória. Isso porque os mesmos princípios servem para o outro lado da baía. Canais como o Bigossi, em Vila Velha, e o rio Marinho, na divisa com Cariacica, sofreriam as mesmas consequências que as galerias de Vitória e transformariam bairros em lagos.

Ventos que molham

Um forte vendaval acompanhando a tempestade na direção do continente retardaria a saída de toda a água para o Oceano Atlântico, estimulando a formação de ondas para dentro da baía.

Para completar...



O nível médio do Oceano Atlântico no Brasil pode aumentar entre 30 e 80 centímetros nos próximos 50 a 80 anos, em decorrência do aquecimento global.

Ainda não existem estudos conclusivos sobre as consequências em Vitória, mas autoridades e cientistas concordam que os danos seriam alarmantes. Diques poderiam ser construídos às margens da baía de Vitória, por exemplo.

Seria preciso ainda um grande sistema de comportas e bombeamento em todas as galerias da cidade para impedir a invasão das águas.

Fontes: Jacqueline Albino, professora de Oceanografia da Ufes e doutora em Geologia Sedimentar e Costeira; Alex Bastos, professor do Departamento de Ecologia e Recursos Naturais da Ufes e doutor em Geologia Marinha; José Marengo, coordenador do estudo "Mudanças Climáticas Globais e seus Efeitos sobre a Biodiversidade", do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe); Hélder Januário Gomes, professor de Geografia especialista em Produção do Espaço Urbano; Fernando Alberto Gomes da Costa, capitão dos Portos do Espírito Santo; José Francisco Bernardino Freitas, professor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Ufes e doutor em Planejamento Urbano; Silvio Ramos, assessor especial e coordenador da Secretaria Municipal de Obras de Vitória e Secretaria Extraordinária de Projetos Especiais; Juscelino Alves dos Santos, gerente de Drenagem, Contenção de Encostas e mestre em Engenharia Ambiental.